

O CULTIVO DA ARTE DO ESTILO

Olímpio Pimenta
DEFIL/IFAC/UFOP

Resumo: Em uma das passagens da obra publicada em que se refere de modo mais direto à questão do estilo, Nietzsche oferece indicações bastante precisas sobre o significado de sua própria arte do estilo. Retomando as seções iniciais de “Ecce Homo”, interessa-nos reconstruir o percurso, simultaneamente argumentativo e narrativo, que avalia as considerações do filósofo sobre o tema, buscando evidenciar os nexos indissolúveis que articulam as dimensões epistêmica, moral e artístico-estética de seu pensamento.

Palavras-chave: Nietzsche, estilo, arte, Ecce Homo.

Abstract: In one of the published work's passages in which the issue of style is directly referred, Nietzsche offers quite precise indications on the meaning of his own art of style. Taking in account the initial sections of “Ecce Homo”, it is of our interest to rebuild the course, simultaneously argumentative and narrative, that assures the philosopher's reflections over this matter, searching to prove the existence of indissoluble bounds among the epistemic, moral and artistic-aesthetic dimensions of his thought.

Key-words: Nietzsche, style, art, Ecce Homo.

Quero começar firmando uma distinção. Uma coisa é o pensamento estético de Nietzsche, outra muito diversa é a série de implicações estéticas de seu pensamento em geral. Digo isto porque, se nosso filósofo estreia em livro com o centauro “O nascimento da tragédia”¹ que, entre outros objetivos, contempla um desafio à compreensão da arte trágica veiculada pela “Poética” de Aristóteles, o desenvolvimento subsequente de seu percurso filosófico realiza um sem número de remanejamentos quanto a tópicos e perspectivas, dos quais decorrem importantes inovações em relação às preocupações teóricas iniciais.

¹ NIETZSCHE, F. O nascimento da tragédia. São Paulo: Schwarcz, 1992.

Com efeito, sabemos que em 1873 a oferta de um “ganho a favor da ciência estética”², nos termos da explicitação da influência da duplicidade apolíneo e dionisíaco, é a primeira proposição de seu estudo. Daí que, por um lado, a narração argumentada da emergência e do aproveitamento dos “impulsos artísticos da natureza” pela cultura grega é bastante pormenorizada, compondo consigo a chamada “metafísica de artistas”. Por outro lado, esclarece-se, através de tal formulação, como o espectador da tragédia em seu período áureo experimentava, durante a encenação, não uma purgação moral e cívica de suas angústias, mas uma celebração festiva da existência, encarando seus lances mais duros. Além disso, pela intervenção eventual do otimismo teórico socrático, o teatro de Eurípides renuncia ao enigma e apresenta um equacionamento do problema da existência, subtraindo da tragédia sua força afirmativa. Assim, a gênese e a morte da tragédia, enquanto gênero literário e dramático, encontram naquele livro uma teorização completa, nos limites do campo disciplinar da estética, com o que, inclusive, o escrito se integra a um movimento típico de época, conforme discutido por Szondi e Machado.

O andar da carruagem, contudo, promove um deslocamento de fundo no trabalho do filósofo, no sentido da valorização da segunda vertente assinalada há pouco. Em que pese o elogio do procedimento científico nos textos da primeira metade dos anos oitenta—algo que merece análise em separado—Nietzsche passa a priorizar subliminarmente, ao tratar de matéria estética, a inserção dos modos do fazer artístico na vida, em detrimento da elucidação de como a arte foi feita em sua história. Um indício preciso disso é seu silêncio a respeito da figura conceitual do apolíneo—patente logo em seguida à recepção de “O Nascimento da tragédia”—, que tem por contrapartida o crescimento da meditação sobre e a partir da figura conceitual do dionisíaco, avatar da afirmação da existência. Pois bem: o que nos importa hoje é examinar os principais significados dessa mudança de ênfase e de visada, para que as tarefas concernentes ao cultivo da “arte do estilo”³ saudadas em “Ecce Homo” sejam adequadamente entendidas e, quem sabe, desempenhadas por nós.

Tendo migrado de uma ponta a outra, fixemos então nossa atenção sobre este livro. Nele Nietzsche vê em retrospecto o conjunto de sua obra publicada, praticamente

² NIETZSCHE, F. *ibidem*. p.27.

³ NIETZSCHE, F. *Ecce Homo*. São Paulo: Schwarcz, 2004.

Pimenta, Olímpio
O cultivo da *arte do estilo*

reapresentando a seu leitor desconhecido, em extrato, cada uma de suas realizações. Entretanto, e isto é o mais notável, temos acesso também à oficina do filósofo—ou, se se preferir, à sua cozinha—onde os segredos de artesão são postos em evidência. Porque e como determinados resultados foram buscados, a que ascendência e temperamento são devidos certos problemas e soluções, qual uso dos sentidos é compatível com tal e qual sensibilidades—tudo isso é filtrado ali. Decerto, não no sentido unívoco de que a uma dada psicologia corresponde sua respectiva resposta filosófica—como se autor e obra fossem os hemisférios de um objeto acabado—mas na perspectiva da abertura de uma singularidade a acontecimentos exclusivos, em cujo encontro foram gerados assuntos teóricos e vitais de grande potencial para a pesquisa. “Como alguém se torna o que é”, vale dizer, como o exercício assíduo da razão e da experiência individuais pode se aplicar sobre o mundo e receber dele, de seu devir plural, estímulo e oportunidade para bem viver e bem pensar.

Mas, afinal, o que pensa o autor desse “Ecce Homo”? Sem exagero: quase tudo. Para começar, ele pensa sobre a mendacidade do ideal e sobre o “idealismo como ignorância em questões de fisiologia”. Concentrando nesse ponto o foco da vastíssima rede de suas reflexões, ele diagnostica “a mentira do ideal, a maldição sobre a realidade” como fonte da doença niilista que afeta a humanidade e, em particular, os da filosofia. Com isso, aliás, a trajetória das correntes hegemônicas na história do campo pode ser passada a limpo. O apetite para a atuação no mundo, feitos e malfeitos incluídos, é depreciado e corrompido com a sagração do ideal. Afinal, qualquer um pode constatar por si que a vida é cheia de perigos e, no ideal, encontram-se consolo e redenção para os medos que surgem diante deles. Ora, pondera Nietzsche, esses medos não seriam apenas efeito dos preconceitos que vêm de vísceras dispépticas, que julgam em bloco a existência a partir de um e outro episódios ruins? De mais a mais, este ruim não mereceria ser também perspectivado, contrastado com a alternativa do nada querer? Não à toa, não aparece aqui uma pregação a favor de qualquer doutrina, mas apenas a sugestão de que as questões sobre alimentação, clima, paisagens, livros e companhias a frequentar a título de distração recebam um cuidado mais delicado do que aquele que o costume da simplificação ensinou a lhes dar. Interesse pelo corpo e pelo metabolismo em sua refinada complexidade são antídotos para a

Pimenta, Olímpio
O cultivo da *arte do estilo*

grandiloquência venenosa que fala ora de pecado, culpa e salvação, ora de conhecimento, verdade e virtude.

Dessas considerações, embaladas por um instinto muito acentuado de lisura e higiene, elaborado na coabitação, tanto com a grande arte quanto com a honesta consciência científica, algumas consequências de ordem moral podem ser tiradas. A aquisição de gosto e caráter próprios só tem condições de ocorrer quando mediada por uma série de atitudes que se articulam numa espécie de exercício espiritual. O célebre “*pathos da distância*”⁴ é evocado em lugar de destaque: para se situar como deve no mundo, compete a alguém nunca se confundir em meio às solicitações urgentes do dia. Trata-se de conquistar um ponto de vista e uma posição que tenham por referência, antes de tudo, as medidas inerentes ao que é mais íntimo para um: seu corpo e sua história. Bem entendido, ambos os fatores são dinâmicos e tal conquista nada tem a ver com a revelação de uma essência, mas assemelha-se mais à preparação de um terreno no qual poderão ser produzidas colheitas excelentes.

É pertinente, nessa altura, evocar certos temas cuja fortuna teórica em Nietzsche é muito fecunda. A aquisição do senso de extemporaneidade e a noção de hierarquia, por exemplo, ganham em clareza se cotejadas com o que foi descrito. Colocar-se de fora e do alto não funciona, aqui, como ascese contemplativa, mas significa exatamente o oposto disso, uma vez que os cortes temporal e espacial propostos trazem o indivíduo para perto do que lhe é mais singular—de novo, um corpo e uma história em tudo imanentes e irredutíveis a cifras universais de inteligibilidade. Nosso filósofo gosta da solidão e da errância pelas montanhas na medida em que tais circunstâncias permitem-no calibrar a percepção sobre si mesmo e seu entorno. Não há nisso animosidade ou ressentimento contra os homens, por mais aviltados que estejam os desejos deles, mas uma admirável filantropia. Somos fiéis ao mundo não quando admitimos que tudo deve ser como é, mas quando nos aliamos à necessidade para criar—galinhas, livros, filhos, instituições—desdobrando a necessidade em seu par perfeito, a liberdade.

⁴ Ver, p.ex. NIETZSCHE, F. *ibidem*, pp.46 e segs.

Trocando em miúdos, o que lemos aqui é uma instância do pensador a que nos tornemos donos do nosso próprio nariz. E isto não decorre de um despertar da consciência, em reação contra o que quer que seja. “*Ecce Homo*” não é uma cartilha emancipatória, muito menos um manual de auto-ajuda. Convém repetir: não há um núcleo subjetivo a ser retomado em obediência ao adágio oracular que exige que se conheça a si mesmo. Não presenciamos na leitura a construção de um eu fortificado e feliz, mas coisa muito diferente: a emergência de uma boa disposição para as transformações de que somos palco e ator. Estamos presentes no mundo e ele está presente em nós—o que cumpre é arranjar essa relação como quem arranja uma música, que soará bonita ou feia, agradável ou desafinada, conforme uma maestria que nunca é propriedade nossa, embora possamos exercê-la. “*Hierarquia das faculdades, distância, a arte de separar sem incompatibilizar, nada misturar, nada conciliar, uma imensa multiplicidade, que no entanto é o contrário do caos*”⁵—eis o ambiente propício para a tarefa moral mais alta, a transvaloração de todos os valores.

Existe, contudo, uma condição primordial para que esse movimento de criação—simultaneamente de si e da obra—seja posto em marcha. Somente o amor de si autoriza e favorece o sucesso da empreitada. Equidistante da automortificação do asceta e do contentamento vaidoso alcançado por meio da lisonja alheia, esse amor próprio assinala uma ampla libertação relativamente às leis, aos costumes vigentes e aos imperativos de toda sorte. Nada de heroísmo ou grandes façanhas e discursos, porém. Como já foi mencionado, não está em jogo a proposição de uma doutrina, seja a favor do homem novo ou do superhomem, mas o encontro de uma voz inconfundível. Nem reforma social, nem utopia, muito menos o melhoramento da humanidade. Ao contrário, o mais difícil, que é manter-se sem medo em meio à vertigem do devir, servindo-se dela em nome próprio e com alegria. A história e a vida pública constituem um capítulo de loucura e iniquidade em constante renovação? Que se seja capaz de apropriação, de incorporação, de não perder o humor ou a verve na ocasião de interferir em tais dimensões da experiência, de modo a formar uma versão própria delas, no que estiver ao alcance dos talentos disponíveis. E, claro, se se tem

⁵ Idem, *ibidem*, p.49.

os talentos de um filósofo, trata-se de mostrar para os melhores os caminhos para uma existência bem lograda.

A referência à noção de talento chama à baila um parêntese. Ao tratar “da alma dos artistas e escritores”⁶, cerca de nove anos antes da época em foco, Nietzsche se estende com vagar sobre os temas do gênio, da inspiração, da intuição e coisas afins. Segundo suas observações, a impressão de milagre que assalta o público diante de uma obra prima é tributária de uma ilusão, que o artista zela por manter. Ao insinuar que sua realização tem parte com algum mistério divino, ele escamoteia o duro labor que foi necessário para a consecução do perfeito, que, revelado, provaria que o que se alcançou não está tão distante assim dos talentos de todos. Como na parábola, o segredo é fazer render a cota a que se tem acesso. A possível genialidade nada tem de inato, mas repousa sobre a chamada “seriedade no ofício”⁷. Contra o credo romântico, para o qual a excepcionalidade não é uma aquisição, destaca-se aqui a diligência, a paciência na produção de esboços, o cuidado metódico com as partes, antes da elevação ao todo. Acuidade psicológica e exercício dos dons de investigador articulam o que é artístico a outros domínios da atividade humana, como a ciência, num movimento de disciplinamento dos afetos. Tal disciplina, por sua vez, presta-se à maior ambição do artista: demonstrar para si mesmo sua excelência, sem levar em conta o favor do público, afinal despreparado para criar como ele. Aparecer aos olhos dos outros como um prodígio sem esforço agrada ao artista, sem dúvida, mas antes disso ele tem que vencer a si mesmo, em meio à árdua peleja da execução da obra.

Diante disso, impõe-se perguntar mais uma vez: “Como alguém se torna o que é?” Repito: é preciso que a tarefa seja cercada pelo amor de si e conduzida pelo cuidado de si. O extravio pela obediência à autoridade ilegítima é a regra aqui, em relação a que todo cuidado é pouco. Compete forjar medidas e estabelecer padrões de avaliação compatíveis com as atividades a que se quer entregar, tendo em conta os pró e contra adquiridos na composição entre razão e experiência, indiferente à censura e ao louvor da maioria. Não bloquear o curso das paixões, como aspira o filósofo estóico, mas reconhecer em si quais são as que dominam, como recomenda o psicólogo Nietzsche, de modo a servir-se delas

⁶ NIETZSCHE, F. *Humano, demasiado humano*. São Paulo: Schwarcz, 2002.

⁷ *Idem*, *ibidem*, p.125.

enquanto se estiver a seu serviço. Numa fórmula: participar sem tomar partido, posto que a afirmação da vida a que se tende é afirmação do todo, desde nossa janela exclusiva.

O que foi conversado até agora nos preparou para a abordagem do tópico referido no título dessa exposição. É oportuna uma recapitulação, a fim de retomarmos seu fio de meada. Conforme o Nietzsche em estudo, o tratamento da questão do estilo não pode ser feito em chave estritamente estética. A ausência de clivagens entre as várias facetas da matéria com que seu pensamento se ocupa em “*Ecce Homo*”—arriscamo-nos a dizer que é a vida do indivíduo Nietzsche, mas também a vida ela mesma—não permite que nos conformemos às divisões escolares tradicionais, separando o que é metafísico ou moral do que é epistemológico ou estético. Na vida as coisas não são assim, e isto é o que foi captado e configurado por ele nessa reconstrução de sua obra. Decorre daí que o cultivo da “*arte do estilo*” não é um negócio descontínuo em relação a quem se é, como se vive, o que se entende sob o nome de realidade, como e porque se conhece, etc. A oposição matricial entre fisiologia e idealismo alude à imagem do mundo como vontade de potência, na mesma medida em que os cuidados dietéticos substituem as receitas éticas e que as noções de lisura e higiene remetem a virtudes epistêmicas centrais. Enquanto compositor, Nietzsche ordena suas frases de modo a que tudo surja na hora certa e sem confusão, mas enquanto compositor exigente e seletivo ele não dá a seu leitor qualquer esquema de entrada. Para quem chega aqui vindo do “*Discurso do método*”, o espanto é acachapante.

Portanto, o cultivo em questão é tudo menos uma reforma de fachada. Não se confunde com qualquer estetização da existência, se se entende essa expressão como um embelezamento do aspecto externo de hábitos e vivências arraigados. Para os que acreditam na separação entre corpo e alma, um expediente assim faria sentido. Não é o nosso caso: mesmo que conflituosa, a convivência entre sentidos e razão pode ser muito intensa, sem jamais definir-se por justaposição ou exclusão. É improcedente tentar a maquiagem da essência pelo recurso a aparências postiças—interior e exterior são coextensivos entre si e indissociavelmente vinculados ao mundo. A arte suplementa a existência, que é pura aparência, com novas aparências, mais e melhores blues, e com isso torna aprazível o que poderia nos aborrecer ou aterrorizar. Mas o eixo é um só e entre prazer, tédio e horror não

Pimenta, Olímpio
O cultivo da *arte do estilo*

existe mais que uma gradação contínua. Em suma, não é avisado tomar Nietzsche como patrono do dandismo ou das operações de repaginação.

Outro equívoco a evitar é a aproximação entre estilo e repetição. Cultivar um estilo não é fazer-se sempre o mesmo, nem fazer sempre a mesma coisa. O ponto é difícil, em vista de nosso hábito de encontrar o estilo no reconhecimento de procedimentos recorrentes. Um autor escreve ou pinta assim ou assado, seu vocabulário ou sua paleta não variam, a construção do parágrafo e a composição da cena são sempre parecidas—e essa identidade é, para nós, seu estilo. Uma época elege como seus interesses ou a vida bucólica ou o amor e a morte ou a apresentação descritiva da paisagem—logo falamos dos estilos neoclássico, romântico e naturalista. Ou ainda: fulano é punk, beltrano é hippie, sicrano é um nerd—pois esses são os estilos de vida que adotaram para si mesmos. O inconveniente da aplicação dessa lógica identitária é que ela negligencia o principal, a saber, que os confins do *logos* da alma são inatingíveis. Um neurótico normal não tem estilo, mas apenas um disfarce sob o qual esconde suas contradições e conflitos. A verdadeira arte do estilo está em usar as máscaras com desenvoltura, sendo capaz de fazer crer nas mudanças de personagem que cada uma delas demanda. Tal implica também uma escolha adequada de repertório, restringindo-o àqueles papéis que temos força para desempenhar. Ou, segundo Nietzsche:

Direi ao mesmo tempo uma palavra geral sobre a minha arte do estilo. Comunicar um estado, uma tensão interna de *pathos* por meio de signos, incluído o tempo desses signos—eis o sentido de todo estilo; e considerando que a multiplicidade de estados interiores é em mim extraordinária, há em mim muitas possibilidades de estilo—a mais multifária arte do estilo de que um homem já dispôs. Bom é todo estilo que realmente comunica um estado interior, que não se equivoca nos signos, no tempo dos signos, nos gestos—todas as leis do período são arte dos gestos...Bom estilo em si—pura estupidez, mero idealismo, algo assim como o belo em si, como o bom em si, como a coisa em si...⁸

Ora, o que pode ser convocado para comentar essa passagem é o conjunto de todas as observações feitas anteriormente. Se a arte do estilo é sinal de algo, o que ela traduz é amor pela existência sob todos os ângulos. O mais importante de tudo, feitas as contas, é ter algo a dizer. Sem qualquer resultado garantido, quem se dá o *amor fati* inicia-se no cultivo

Pimenta, Olímpio
O cultivo da *arte do estilo*

do estilo, pois se torna cenário para a circulação das forças que constituem o mundo. Sem essas, nada há a fazer. A partir delas, todavia, tudo o que já foi mobilizado antes—um corpo saneado dos ideais, física e psicologicamente flexível, uma consciência honesta e satisfeita com seu caráter instrumental e uma sensibilidade trabalhada pela experiência—pode florescer e frutificar, dando vazão a feitos e obras, que provavelmente virão à luz no estado da arte.

Não convém concluir nossa discussão sem apontar, ainda que de forma ligeira, um dos itens mais desconcertantes desse “*Ecce Homo*”. Do início ao fim, o livro é atravessado por referências expressas à problemática da verdade, chegando a fazer-nos suspeitar que este seja seu leitmotiv central. O estranho nisso é que o descrédito ao conceito tradicional de verdade repercute por toda parte no escrito. A indagação que se põe, então, incide sobre o que podemos inferir daí. Que diabos é essa verdade que ainda dá o que pensar a Nietzsche? Nossa conjectura é que criação e verdade se articulam aqui, da maneira como se segue.

Quanta verdade suporta, quanta verdade ousa um espírito? Cada vez mais tornou-se isso para mim a verdadeira medida de valor. Erro— a crença no ideal— não é cegueira, erro é covardia...Cada conquista, cada passo adiante no conhecimento é consequência da coragem, da dureza consigo, da limpeza consigo. Eu não refuto os ideais, apenas ponho luvas diante deles... *Nitimus in vetitum*: com este signo vencerá um dia minha filosofia, pois até agora proibiu-se sempre, em princípio, somente a verdade.⁹

Temos com isso que o pano de fundo do debate é a verdade—e, mais especificamente, o nexos entre verdade e moralidade, a ser superado em direção a uma ordenação valorativa radicalmente inovadora, porque afirmativa, “realista”, criadora. Se a dimensão metafísica do em si é categoricamente recusada, dado que sua admissão dependeria de uma impostura moral, o mundo se abre a uma experimentação de tipo naturalista. Na condição de criador de ficções necessárias para sua existência, o homem pode doravante se comprometer com a formulação de uma tábua de valores com características inéditas. Se as ficções predominantes até Nietzsche falavam do medo da morte e da vontade de escapar da contingência, nada mais impede que derivemos nossas próprias ficções de fonte diversa, o

⁸ NIETZSCHE, F. *Ecce Homo*. p. 57.

Pimenta, Olímpio
O cultivo da *arte do estilo*

amor pela vida. Vida no mais das vezes enigmática, difícil e desafiadora, mas que não merece ser recusada quando dispomos da coragem que o filósofo ensina. Esse amor e essa coragem não se fundam sobre garantias demonstradas racionalmente, e isso lhes confere uma feição dinâmica e plural. O corpo e o devir histórico podem assim ser benditos, uma vez que nossa consciência filosófica já se sabe enraizada neles.

Para arrematar, penso que a coerência entre essas alegações e o cultivo da “arte do estilo” pode ser verificada com facilidade. Se, em última análise, quem responde por nossa estadia na terra são as ficções com que a transformamos, o excedente de nossas forças pode muito bem se prestar à invenção da verdade, instância mais alta de uma existência artisticamente estilizada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARISTÓTELES. *Poética*. São Paulo: Abril, 1974. Tradução de Eudoro de Souza. (Coleção Os pensadores).
- DESCARTES, R. *Discurso do método*. In: *Obra escolhida*. São Paulo: Difel, 1973. Tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Junior.
- MACHADO, R. *O nascimento do trágico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- NIETZSCHE, F. *O nascimento de tragédia: Helenismo e pessimismo*. São Paulo: Schwarcz, 1992. Tradução de J. Guinsburg.
- _____. *Ecce Homo : Como alguém se torna o que é*. São Paulo: Schwarcz, 2004. Tradução de Paulo César de Souza.
- _____. *Humano, demasiado humano: Um livro para espíritos livres*. São Paulo: Schwarcz, 2002. Tradução de Paulo César de Souza.
- SZONDI, P. *Ensaio sobre o trágico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. Tradução de Pedro Sússekind Viveiros de Castro.

[Recebido em dezembro de 2008; aceito em dezembro de 2008]

⁹ Idem, *ibidem*, pp. 18 e seg.